



Aluno(a):		
Ano: 3º	Turma:	Nº:
Disciplina: Filosofia		Professor: Alexandra Siqueira
Unidade: I	Ensino Médio	Data:

ATIVIDADE DE FILOSOFIA

“Conhece-te a ti mesmo”

Quem assistiu ao primeiro filme da série *Matrix*, de 1999, há de se lembrar da cena em que o herói, Neo, é levado pelo guia, Morfeu, para ouvir uma mulher a quem chamam Oráculo. Quando ela pergunta a Neo se ele leu o que está escrito sobre a porta da cozinha, ele diz que não. Então, ela aponta para a inscrição e explica que está em uma língua que não é mais falada no cotidiano, o latim.

O que está escrito? *Temet nosce*. O que isso significa? “Ousa conhecer.” A mensagem para Neo é a de que ele – e somente ele – poderá saber se é ou não aquele que vai livrar o mundo do poder da *Matrix*. Portanto, somente ousando conhecer ele terá a resposta.

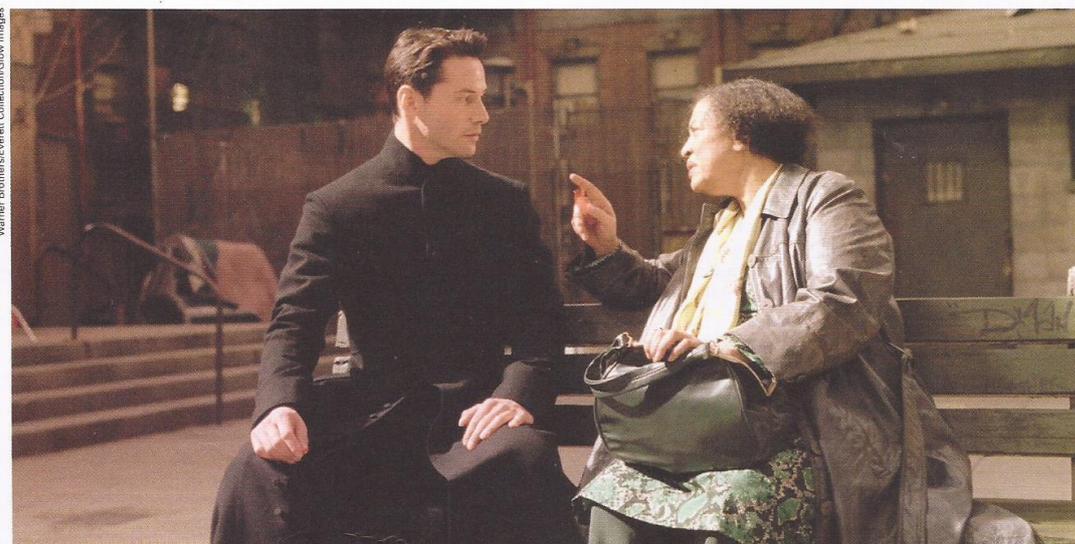
O que poucos sabem é que esta cena de *Matrix* é a representação ficcional, no futuro, de um acontecimento ocorrido há 24 séculos.

Na Grécia antiga, por volta do século IV a.C., havia um santuário na cidade de Delfos dedicado a Apolo, deus da luz, da razão e do conhecimento verdadeiro. Sobre o portal de entrada desse santuário estava escrita a grande mensagem do deus, ou o principal

oráculo de Apolo: “Conhece-te a ti mesmo” (em grego, *gnōthi seauton*).

Um ateniense, chamado Sócrates (c. 469 a.C.-399 a.C.), foi ao santuário consultar o oráculo, pois em Atenas muitos lhe diziam que ele era um sábio. Sócrates desejava saber o que era um sábio e se tal qualidade poderia ser atribuída a ele. O oráculo, que era uma mulher (a sibila), perguntou-lhe: “O que você sabe?”. Ele respondeu: “Só sei que nada sei”. Ao que o oráculo disse: “Sócrates é o mais sábio de todos os homens, pois é o único que sabe que não sabe”. Sócrates é até hoje considerado o patrono da filosofia.

oráculo: esta palavra tem dois significados principais, que aparecem nas expressões “receber um oráculo” e “consultar um oráculo”. No primeiro caso, significa ‘uma mensagem misteriosa’ enviada por um deus como resposta a uma indagação feita por um humano; essa revelação divina precisa ser decifrada e interpretada. No segundo, significa ‘uma pessoa especial’, a qual recebe a mensagem divina e a transmite ao interrogante, que, por sua vez, precisará decifrá-la e interpretá-la. Entre os gregos antigos, essa pessoa especial costumava ser uma mulher e era chamada *sibila*.



Keanu Reeves, no papel de Neo, e Gloria Foster, como oráculo, em cena do primeiro filme da série *Matrix* (1999).

Neo e a *Matrix*

Se voltarmos ao filme *Matrix*, podemos perguntar por que foi feito o paralelo entre Neo e Sócrates. Começamos pelo nome das personagens Neo e Morfeu. Esses nomes são gregos.

Neo significa ‘novo’ ou ‘renovado’ e, quando dito de alguém, significa ‘jovem na força e no ardor da juventude’.

Morfeu, na mitologia grega, era um espírito, filho do Sono e da Noite. Ele possuía asas e era capaz, num

único instante, de voar em absoluto silêncio de um extremo a outro do mundo. Sobrevoando ou pousando sobre uma pessoa e tocando-a com uma papoula vermelha, não só a fazia adormecer e sonhar, mas também aparecia nesse sonho, tomando a forma humana. É dessa maneira que, no filme, Morfeu se comunica pela primeira vez com Neo, que desperta com o ruído de uma mensagem em seu computador. E, no primeiro encontro de ambos, Morfeu surpreende Neo por sua extrema velocidade, por ser capaz de voar e por parecer saber tudo a respeito desse jovem que não o conhece.

Várias vezes Morfeu pergunta a Neo se ele costuma duvidar se está realmente acordado. Essa pergunta deixa de ser feita a partir do momento em que Morfeu lhe oferece a escolha entre ingerir uma pílula azul ou uma vermelha e Neo escolhe a vermelha (como a papoula da mitologia), que o fará ver a realidade. É Morfeu quem lhe mostra a **Matrix**, fazendo-o compreender que ele tinha passado a vida inteira sem saber se estava acordado ou adormecido e sonhando porque, realmente, esteve sempre dormindo e sonhando. Era isso que Neo precisava ousar conhecer.

matrix: palavra latina derivada de *mater*, que quer dizer 'mãe', *matrix* designa o útero. Na linguagem técnica, *matriz* é o molde para a fundição de uma peça. É também, em monitores e televisores, o circuito de codificadores e decodificadores das cores e dos sons e, na informática, a rede de guias de entradas e saídas de elementos lógicos. No filme, a Matrix tem todos esses sentidos: ela é um útero universal onde todos os seres humanos têm, ao mesmo tempo, uma vida real "uterina" e uma vida imaginária forjada pelos circuitos de codificadores e decodificadores de cores e sons e pelas redes de guias de entrada e saída de sinais lógicos.

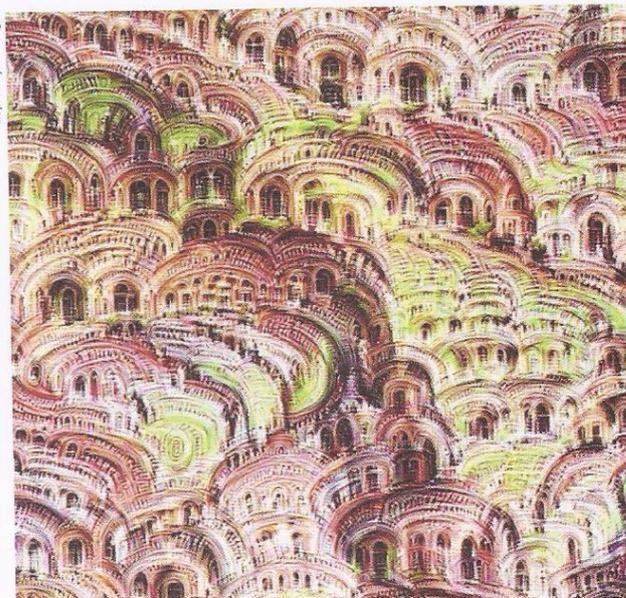


Ao tomar consciência de que sempre estivera sonhando, Neo abre-se para a possibilidade de conhecer a realidade da Matrix. Cena do primeiro filme da série, de 1999.

Mas afinal, o que é a Matrix? É um **computador** gigantesco alimentado pelos cérebros dos seres humanos e que os escraviza, usando suas mentes para controlar seus sentimentos e pensamentos, fazendo-os crer que é real o que é aparente. E qual é o seu poder? Usar e controlar a inteligência humana para dominar o mundo, criando uma realidade virtual na qual todos que a ela estão submetidos acreditam.

computador: palavra originada do latim *computator*, que significa 'máquina de contar, calcular'. Antes de o computador se tornar um objeto de uso corrente, falava-se em "cérebro eletrônico". Por quê? Porque se trata de um objeto técnico muito diferente daqueles até então conhecidos, que ampliavam apenas a força física dos seres humanos: o microscópio e o telescópio aumentam a força dos olhos; o navio, o automóvel e o avião aumentam a força dos pés; a alavanca, a polia e o martelo aumentam a força das mãos; e assim por diante. Já o "cérebro eletrônico" ou computador amplia e até substitui as capacidades mentais ou intelectuais dos seres humanos.

Vencer o poder da Matrix é destruir a aparência ilusória, restaurar a realidade e assegurar que os seres humanos possam perceber e compreender o mundo verdadeiro e viver realmente nele. Nos combates travados por Neo e seus companheiros contra a Matrix, as armas e tiroteios são pura ilusão, pois o combate real não é físico, e sim mental, e ocorre num mundo virtual.



Cena desenhada em 2015 por uma rede neural artificial desenvolvida por uma empresa de informática. Com base em todas as referências visuais que o banco de dados da empresa tem, essa rede é capaz de inventar sua própria versão para a imagem.

Neo e Sócrates

Por que as personagens do filme afirmam que Neo é “o escolhido”? Por que estão seguras de que ele será capaz de realizar o combate final e vencer a Matrix?

Porque ele era um *hacker*, isto é, alguém capaz de utilizar seus conhecimentos técnicos em computação para invadir *sites* e programas, decifrar códigos e mensagens. E, sobretudo, porque desenvolvia programas de realidade virtual, sendo capaz de rivalizar com a própria Matrix. Por ter uma capacidade semelhante à da Matrix, Neo sempre desconfiou de que a realidade não era tal como se apresentava. Essa interrogação o levou a vasculhar os circuitos internos da máquina (tanto assim que ela começou a persegui-lo como alguém perigoso), e foram suas incursões secretas que o fizeram ser descoberto por Morfeu, líder dos que lutam contra a Matrix.

Por que comparar Neo e Sócrates? Por que o “ousa conhecer”, dirigido a Neo, em Matrix, e o “conhece-te a ti mesmo”, no templo de Delfos, podem ser comparados?

Sócrates é considerado o “patrono da filosofia” porque jamais se contentou com as opiniões estabelecidas, com os preconceitos de sua sociedade, com as crenças inquestionadas de seus conterrâneos. Ele costumava dizer que um espírito interior o levava (como Morfeu instigando Neo) a desconfiar das aparências e a procurar a realidade verdadeira das coisas.

Sócrates andava pelas ruas de Atenas fazendo perguntas aos conterrâneos: “O que é isso em que você acredita?”, “O que é isso que você está dizendo?”, “O que é isso que você está fazendo?”. Os atenienses achavam, por exemplo, que sabiam o que era a justiça. Mas, diante das perguntas de Sócrates, ficavam embaraçados e confusos, chegando à conclusão de que não sa-

biam o que era a justiça. Os atenienses acreditavam que sabiam o que eram a bondade, a beleza, a verdade, a coragem, mas um prolongado diálogo com Sócrates os fazia perceber que não sabiam o que era aquilo em que acreditavam.

A pergunta “O que é?” suscitava o questionamento sobre a realidade essencial e profunda de uma coisa para além das aparências e contra elas. Com essa pergunta, Sócrates levava os atenienses a descobrir a diferença entre *parecer* e *ser*, e entre mera crença ou opinião e verdade.

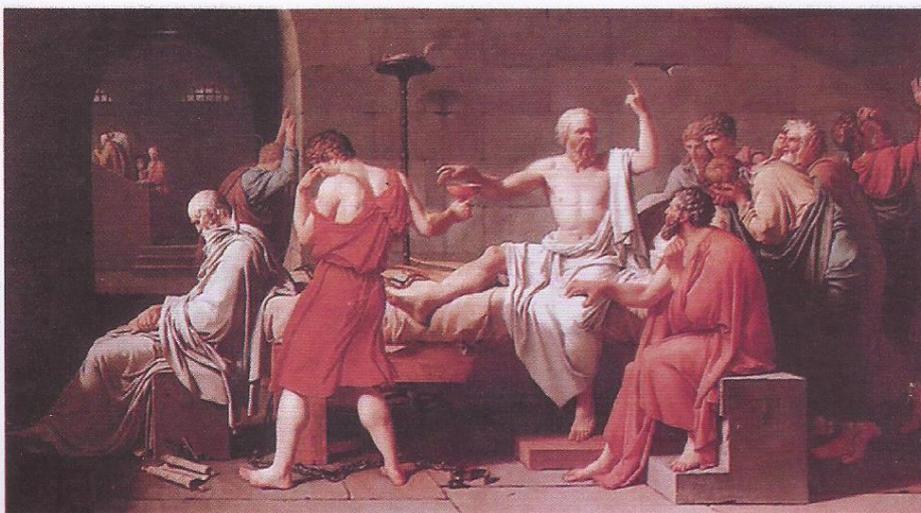
Sócrates era filho de uma parteira. Ele dizia que, assim como sua mãe, ele também era um parteiro, mas que ajudava não no nascimento de corpos, e sim de almas, auxiliando as mentes a libertar-se das aparências e a buscar a verdade.

Como os combates de Neo, os combates socráticos eram também mentais ou de pensamento. E enfureceram de tal maneira os poderosos de Atenas que Sócrates foi condenado à morte por ingestão de veneno, acusado de espalhar dúvidas sobre as ideias e os valores atenienses e, com isso, corromper os jovens.

Receio muito que, neste momento em que a morte é tudo, não me haja como filósofo ou amigo da sabedoria, como se dá com os indivíduos muito ignorantes. Estes tais, quando debatem algum tema, não se preocupam absolutamente de saber como são, de fato, as coisas a respeito de que tanto discutem, senão em deixar convencidos os circunstantes de suas próprias asserções.

Sócrates, no diálogo *Fédon* (escrito por Platão), instantes antes de cumprir sua pena. O texto completo do diálogo *Fédon* pode ser encontrado em: <www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000031.pdf>. Acesso em: 29 set. 2015.

Reprodução/Museu de Arte Metropolitano, Nova York, EUA.



A morte de Sócrates, pintura de Jacques-Louis David feita em 1787, que se encontra atualmente no Museu de Arte Metropolitano de Nova York, nos Estados Unidos. Ao final de seu julgamento, Sócrates é condenado à morte pela ingestão de um veneno chamado cicuta, conforme narra o diálogo *Fédon*, escrito por Platão.

O Mito da Caverna

Podemos também fazer um paralelo entre a trajetória de Neo no interior da Matrix e um dos mais célebres escritos do filósofo Platão (427 a.C.-347 a.C.), discípulo de Sócrates. Essa passagem encontra-se na obra intitulada *A república* (c. 380 a.C.) e é conhecida como o **Mito da Caverna**.

Imaginemos uma caverna separada do mundo exterior por um muro baixo. Entre esse muro e o teto da caverna há uma fresta por onde passa alguma luz externa, evitando que o interior fique na obscuridade completa. Desde seu nascimento, geração após geração, seres humanos estão acorrentados ali, sem poder mover a cabeça na direção da entrada nem se locomover até ela, vivendo sem nunca ter visto o mundo exterior nem a luz do Sol. Estão quase no escuro.

Dentro da caverna, perto do muro, um fogo ilumina vagamente o interior sombrio e faz com que as coisas que se passam na fresta sejam projetadas como sombras nas paredes do fundo da caverna (pensemos na caverna como se fosse uma sala de cinema e o fogo, a luz de um projetor de filmes).

Nessa fresta, pessoas passam conversando e carregando nos ombros figuras ou imagens de homens, mulheres, animais, cujas sombras são projetadas na parede da caverna. Nunca tendo visto o mundo exterior, os prisioneiros julgam que as sombras das pessoas, das coisas transportadas e os sons das falas das pessoas são as próprias coisas externas. Ou seja, não percebem que são sombras e julgam que elas são seres vivos que se movem e falam.

Os prisioneiros se comunicam, dando nome às coisas que julgam ver, e imaginam que o que escutam são

as vozes das próprias sombras e não dos seres humanos que se encontram do lado de fora do muro. Qual é, pois, a situação dessas pessoas aprisionadas? Tomam sombras por realidade. Mas isso não poderia ser diferente se elas fossem libertadas dessa situação miserável?

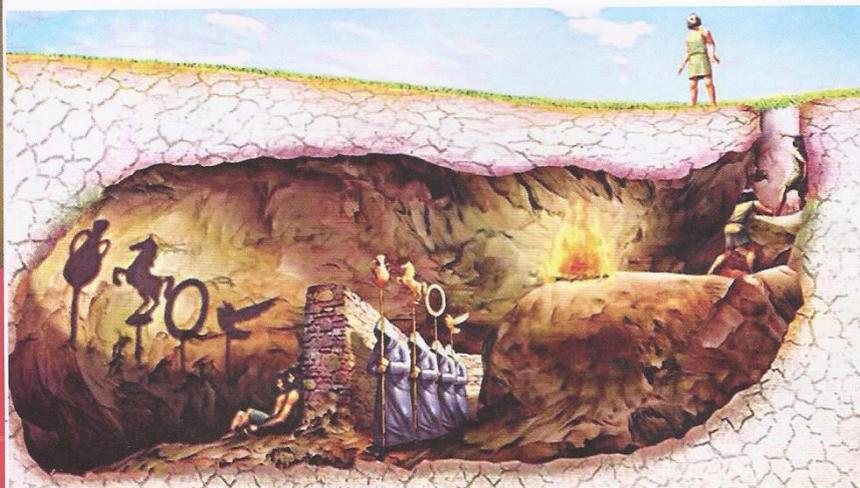
Um dos prisioneiros, inconformado com essa condição, fabrica um instrumento para quebrar os grilhões. De início, move a cabeça; depois, o corpo todo; a seguir, avança em direção à saída da caverna e escala o muro. Enfrentando as durezas de um caminho íngreme e difícil, sai da caverna. No primeiro instante, enche-se de dor por causa dos movimentos que seu corpo realiza pela primeira vez e pelo ofuscamento de seus olhos pela luminosidade do Sol, com a qual não está acostumado. Sente-se dividido entre a incredulidade e o deslumbramento.

Incredulidade, porque será obrigado a decidir sobre onde se encontra a realidade: no que vê agora ou nas sombras em que sempre viveu? Deslumbramento (palavra que significa: 'ferido pela luz'), porque seus olhos não conseguem ver com nitidez as coisas iluminadas.

Seu primeiro impulso é retornar à caverna para livrar-se da dor e do espanto, pois a escuridão lhe parece mais acolhedora. Como precisa aprender a ver, e esse aprendizado é doloroso, desejará a caverna, onde tudo lhe é familiar e conhecido.

Aos poucos, porém, habitua-se à luz e começa a ver o mundo. Encanta-se, tem a felicidade de finalmente ver as coisas como elas realmente são, descobrindo que estivera prisioneiro a vida toda e que em sua prisão vira apenas sombras. A partir desse instante, desejará ficar longe da caverna para sempre e lutará com todas as suas forças para jamais retornar a ela. Porém, toma a difícil decisão de regressar ao subterrâneo sombrio para contar aos demais o que viu e convencê-los a se libertarem também.

O que lhe acontece nesse retorno? Os demais prisioneiros riem-se dele, não acreditando em suas palavras, e seriam capazes de fazer pior caso ele insistisse nelas. Mas, quem sabe, alguns poderão ouvi-lo e, contra a vontade dos demais, também decidir sair da caverna rumo à realidade?



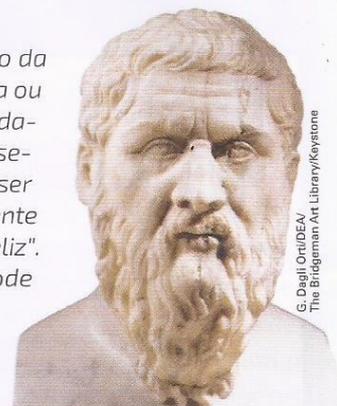
Manolo Eiras/Arquivo da editora

Representação visual do Mito da Caverna.



Felicidade e satisfação

Tanto a alegoria de **Platão** como [o filme] *Matrix* levantam a questão da felicidade, com a estrutura mais ampla da relação entre nossa experiência ou estado de espírito subjetivo e a realidade. É uma tese platônica que a verdadeira liberdade e a felicidade dependem do conhecimento do que é real; segundo essa visão, uma pessoa pode ter a ilusão de ser livre e feliz, mas ser de fato um escravo é infeliz. Essa mesma pessoa pode estar completamente enganada ao atribuir a si própria a felicidade, usando a frase: "Sou feliz". A felicidade deve ser semelhante ao conceito de saudável; também pode estar enganado quem diz "sou saudável", ainda que se sinta, pelo menos no momento, extremamente saudável, e não tem consciência [...] de um câncer não detectado. A tese é que a felicidade, a reflexão sobre o "eu" próprio e o mundo objetivo são inseparáveis. De modo semelhante, *Matrix* obviamente tem muito a ver com a questão do relacionamento entre nosso senso subjetivo do "eu" (eu sou livre, sou feliz) e a "realidade" das experiências que estamos vivendo.



G. Dagli Orti/DEA
The Bridgeman Art Library/Keystone

Platão, cabeça em mármore,
século I a.C.

GRISWOLD JR., Charles L. Felicidade e escolha de Cypher: a ignorância é felicidade? In: IRWIN, William (Org.). *Matrix: bem-vindo ao deserto do real*. São Paulo: Madras, 2002. p. 158-159.

Após ler o texto com atenção, reúna-se em um grupo pequeno de colegas e responda:

1. O que seria um "estado de espírito subjetivo"? Em que ele seria diferente da realidade?
2. Para Platão, o que seria necessário para a verdadeira felicidade? Localize essa informação no texto.

Nossas crenças costumeiras

Em nossa vida cotidiana, afirmamos, negamos, desejamos, aceitamos ou recusamos coisas, pessoas, situações. Fazemos perguntas, como "Que horas são?", ou "Que dia é hoje?". Dizemos frases, como "Ele está sonhando", ou "Ela ficou maluca". Fazemos afirmações, como "Onde há fumaça há fogo", ou "Não saia na chuva para não se resfriar". Avaliamos coisas e pessoas, dizendo, por exemplo, "Esta casa é mais bonita do que a outra" e "Maria está mais jovem do que Glorinha".

Numa disputa, quando os ânimos estão exaltados, um dos oponentes pode gritar ao outro: "Mentiroso! Eu estava lá e não foi isso o que aconteceu", e alguém, querendo acalmar a briga, pode dizer: "Vamos pôr a cabeça no lugar, cada um seja bem objetivo e diga o que viu, porque assim todos poderão se entender".

Também é comum ouvirmos os pais e amigos dizerem que, quando o assunto é o namorado ou a namorada, não somos capazes de ver as coisas como elas são, que vemos o que ninguém vê e não vemos o que todo mundo está vendo. Dizem que somos "muito subjetivos". Ou, como diz o ditado, que "quem ama o feio, bonito lhe parece".

Frequentemente, quando aprovamos uma pessoa, o que ela diz, como age, dizemos que ela "é legal".

Vejamos um pouco mais de perto o que dizemos em nosso cotidiano.

Quando pergunto "Que horas são?" ou "Que dia é hoje?", minha expectativa é a de que alguém, tendo um relógio ou um calendário, me dê a resposta exata. Em que acredito quando faço a pergunta e aceito a resposta? Acredito que o tempo existe, que ele passa, que pode ser medido em horas e dias, que o que já passou é diferente de agora e o que virá também há de ser diferente deste momento, que o passado pode ser lembrado ou esquecido, e o futuro, desejado ou temido. Assim, uma simples pergunta contém, *silenciosamente*, várias crenças.

Por que crenças? Porque são coisas ou ideias em que acreditamos sem questionar, que aceitamos porque são óbvias, evidentes. Afinal, quem não sabe que ontem é diferente de amanhã, que o dia tem horas e que elas passam sem cessar?

Quando digo "ele está sonhando" para me referir a alguém que está acordado e diz ou pensa alguma

coisa que julgo impossível ou improvável, tenho igualmente muitas crenças silenciosas: acredito que sonhar é diferente de estar acordado; que, no sonho, o impossível e o improvável se apresentam como possível e provável; e também que o sonho se relaciona com o irreal, enquanto a vigília se relaciona com o que existe realmente. Acredito, portanto, que a realidade existe fora de mim e que posso percebê-la e conhecê-la tal como é; por isso, creio que sei diferenciar realidade de ilusão.

A frase “Ela ficou maluca” contém essas mesmas crenças e mais uma: a de que sabemos diferenciar a saúde mental da loucura; que a sanidade mental se chama razão, que a razão se refere a uma realidade comum a todos, e que maluca é a pessoa que perde a razão e inventa uma realidade existente só para ela.

Quando alguém diz “onde há fumaça há fogo” ou “não saia na chuva para não se resfriar”, afirma silenciosamente muitas crenças: acredita que existem relações de causa e efeito entre as coisas; que, se há uma coisa, certamente houve uma causa para ela, ou que essa coisa é causa de alguma outra (o fogo é causa e a fumaça é seu efeito; a chuva é causa do resfriado ou o resfriado é efeito da chuva). Acreditamos, assim, que as coisas, os fatos, as situações se encadeiam em relações de causa e efeito que podem ser conhecidas e, até mesmo, controladas por nós.

Quando dizemos que uma casa é mais bonita do que a outra, ou que Maria está mais jovem do que Glorinha, acreditamos que as coisas, as pessoas, as situações, os fatos podem ser comparados e avaliados, julgados por sua qualidade (bonito, feio, bom, ruim, jovem, velho, engraçado, triste, limpo, sujo) ou por sua quantidade (muito, pouco, mais, menos, maior, menor). cremos, assim, que as qualidades e as quantidades existem, que podemos conhecê-las e usá-las em nossa vida.

Se disséssemos, por exemplo, que “o Sol é maior do que o vemos”, manifestaríamos a crença de que nossa percepção alcança as coisas de modos diferentes: às vezes tais como são em si mesmas (a folha deste livro, bem à nossa frente, é percebida como branca e, de fato, ela o é), outras vezes tais como nos parecem (o Sol, de fato, é maior do que o disco dourado que vemos ao longe). Assim, a percepção dependeria da distância, de nossas condições de visibilidade ou da localização e do movimento dos objetos. Por isso acreditamos que podemos ver as coisas diferentemente do que elas são, mas nem por isso diremos que estamos sonhando ou que ficamos malucos. Acreditamos, também, que essas coisas e nós ocupamos lugares no espaço e, portanto, cremos que este existe, pode ser diferenciado (perto, longe, alto, baixo) e medido (comprimento, largura, altura).



Tritram: Kenton/Lebrecht: Music and Arts/Diomedea

Phase (1982), coreografia de Anne Teresa de Keersmaeker (1960-), apresentada em Londres, Inglaterra, em 2006. Acreditamos que nossa percepção é capaz de diferenciar objetos de suas sombras, que sombras são causadas pela incidência de luz sobre algo e que o formato e a quantidade dessas sombras serão diferentes conforme a intensidade da luz e o ângulo em que esta incide.

Nossa crença na liberdade

Na briga, quando alguém chama o outro de mentiroso porque não estaria dizendo os fatos exatamente como eles aconteceram, está presente a nossa crença de que há diferença entre verdade e mentira. A primeira diz as coisas tais como são, a segunda faz o contrário, distorce a realidade. No entanto, consideramos a mentira diferente do sonho, da loucura e do erro, porque o sonhador, o louco e o que erra se iludem involuntariamente, enquanto o mentiroso deforma a realidade voluntariamente.

Com isso, acreditamos que o erro e a mentira são falsidades de ordens diferentes, porque somente na mentira há a decisão de falsear.

Ao diferenciarmos erro de mentira, considerando o primeiro uma ilusão ou um engano involuntários e a segunda uma decisão voluntária de enganar alguém, manifestamos silenciosamente a crença de que somos seres dotados de vontade e que dela depende dizermos a verdade ou a mentira.

Crer e conhecer

Quando, na briga, uma terceira pessoa pede às outras duas que “ponham a cabeça no lugar” e sejam “objetivas”, ou quando falamos que os namorados são incapazes de ver as coisas como são, que são “muito subjetivos”, também manifestamos várias crenças silenciosas.

De fato, acreditamos que, quando alguém defende muito intensamente um ponto de vista, uma preferência, uma opinião e é até capaz de brigar por isso, pode “perder a objetividade” e se deixar guiar apenas pelos seus sentimentos. Da mesma maneira, acreditamos que os apaixonados se tornam incapazes de ver as coisas como são, de ter uma “atitude objetiva”.

Em que acreditamos, então? Acreditamos que a objetividade se caracteriza por uma atitude imparcial na percepção e compreensão das coisas, enquanto a subjetividade se caracterizaria por uma atitude parcial, pessoal, ditada por sentimentos variados (amor, ódio, medo, desejo).

Assim, não só acreditamos que a objetividade e a subjetividade existem, como ainda acreditamos que são diferentes: que a primeira percebe perfeitamente a realidade, enquanto a segunda, voluntária ou involuntariamente, a deforma.

Ao dizermos que alguém “é legal” porque tem os mesmos gostos, as mesmas ideias, porque respeita ou

Ao mesmo tempo, porém, nem sempre avaliamos a mentira como uma coisa ruim: não gostamos de ler romances, ver novelas, assistir a filmes? E não são mentira? É que também acreditamos que, quando alguém nos avisa que está mentindo, a mentira é aceitável, não seria uma mentira “pra valer”. Distinguimos, portanto, entre a ficção e a mentira deliberada.

Quando distinguimos verdade de mentira e distinguimos mentiras inaceitáveis de mentiras aceitáveis, não estamos apenas nos referindo ao conhecimento ou desconhecimento da realidade, mas também ao caráter da pessoa. Acreditamos, portanto, que as pessoas, porque possuem vontade, podem ser morais ou imorais, pois cremos que a vontade é o poder de escolher entre o bem e o mal. E, sobretudo, acreditamos que exercer tal poder é exercer a liberdade, pois acreditamos que somos livres porque escolhemos voluntariamente nossas ações, nossas ideias, nossos sentimentos.

despreza as mesmas coisas que nós e tem atitudes, hábitos e costumes muito parecidos com os nossos, temos outra crença silenciosa. Estamos acreditando que a vida com as outras pessoas nos faz semelhantes ou diferentes em decorrência de normas e valores morais, políticos, religiosos e artísticos, regras de conduta, finalidades de vida.

Achamos óbvio que todos os seres humanos seguem regras e normas de conduta, possuem valores morais, religiosos, políticos, artísticos, vivem na companhia de seus semelhantes e procuram distanciar-se dos diferentes, ou seja, daqueles com os quais entram em conflito.

Afinal, em que acreditamos? Acreditamos que somos seres sociais, morais e racionais, pois regras, normas, valores só podem ser estabelecidos por seres conscientes e dotados de raciocínio.

Como se pode notar, nossa vida cotidiana é toda feita de crenças silenciosas, da aceitação de coisas e ideias que nunca questionamos porque nos parecem naturais, óbvias. Creemos na existência do espaço e do tempo, na realidade exterior e na diferença entre realidade e sonho, assim como na diferença entre saúde mental/razão e loucura. Creemos na existência das qualidades e das quantidades. Creemos que somos seres racionais capazes de conhecer as coisas e por isso acre-

ditamos na existência da verdade e na diferença entre verdade e mentira; cremos também na objetividade e na diferença entre ela e a subjetividade.

Cremos na existência da vontade e da liberdade e por isso cremos na existência do bem e do mal, crença que nos faz aceitar como perfeitamente natural a existência da moral e da religião.

Cremos também que somos seres que naturalmente precisam de seus semelhantes e por isso tomamos como um fato óbvio e inquestionável a existência da sociedade com suas regras, normas, permissões e proibições. Haver sociedade é, para nós, tão natural quanto haver Sol, Lua, dia, noite, chuva, rios, marés, céu e florestas.



Placas indicando a separação entre cidadãos da União Europeia e demais viajantes, no controle de imigração do aeroporto de Londres, Reino Unido, foto de 2014. As regras e convenções da sociedade baseiam-se em crenças silenciosas.

E se não for bem assim?

Quando, em *Matrix*, Neo pergunta “Onde estamos?”, Morfeu lhe diz que a pergunta correta seria “Quando estamos?”. Ou seja, Neo pergunta pela realidade espacial – **onde** –, mas teria de perguntar pela realidade temporal – **quando** –, pois acredita estar vivendo em 1999.

Ao revelar-lhe que estão vivendo no século XXI, Morfeu pode mostrar a Neo **onde** eles realmente vivem: num mundo destruído e arruinado, vazio de coisas e de pessoas, pois todos os seres humanos estão aprisionados no interior da *Matrix*. O que Neo julgava ser o mundo real é pura ilusão e aparência.

Para que Neo compreenda o que se passa, Morfeu (como na mitologia grega) faz com que, de maneira veloz e incessante, tudo mude de forma, cor, tamanho, lugar e tempo, de tal modo que Neo tenha de perguntar se o espaço e o tempo de fato existem.

Quando é levado ao oráculo, Neo presencia fatos surpreendentes, como uma criança entortando e desentortando uma colher sem tocar nela. Perante sua

surpresa, a criança lhe diz simplesmente: “A colher não existe”. Neo está diante de uma contradição entre visão e realidade: o que ele vê não existe e o que existe não é visto por ele.

Diante da perplexidade de Neo, o oráculo lhe mostra a inscrição sobre a porta – “Ousa conhecer”. Assim, indica-lhe que, antes de tentar resolver os enigmas do mundo externo, será mais proveitoso que comece compreendendo-se a si mesmo.

Quantas vezes não passamos por situações desse tipo, que nos levam a desconfiar ora das coisas, ora de nós mesmos, ora dos outros?

Cremos que o tempo existe e transcorre sem depender de nós, e cremos que podemos medi-lo com instrumentos, como o relógio e o cronômetro. No entanto, quando estamos à espera de alguma coisa muito desejada ou de alguém muito querido, o tempo parece não passar; olhamos para o relógio e nele o tempo está passando, sem corresponder ao nosso sentimento de que está quase parado.

Ao contrário, se estamos num passeio com amigos ou em outra situação de muita satisfação, o tempo passa velozmente, ainda que o relógio mostre que se passaram várias horas.

Vemos que o Sol nasce à leste e se põe a oeste; que sua presença é o dia e sua ausência é a noite. Nossos olhos nos fazem acreditar que o Sol se move à volta da Terra e que esta permanece imóvel. No entanto, a astronomia demonstra que não é isso que acontece. A Terra é um planeta num sistema cuja estrela central se chama Sol e, juntamente com outros planetas, se move à volta do Sol.

Além desse movimento de translação, ela ainda realiza outro, o de rotação em torno de seu eixo invisível. O primeiro explica a existência do ano e o segundo, a do dia e da noite. Assim, há uma contradição entre nossa crença na imobilidade da Terra e a informação astronômica sobre os movimentos terrestres.

Esses exemplos assemelham-se às experiências e desconfiâncias de Neo: por um lado, tudo parece certo e como tem de ser; por outro, parece que tudo poderia estar errado ou ser ilusão. Temos a crença na liberdade, mas somos dominados pelas regras de nossa sociedade. Temos a experiência do tempo parado ou do tempo ligeiro, mas o relógio não a comprova. Temos a percepção do Sol em movimento à volta da Terra, mas a Astronomia nos ensina o contrário.

Creemos que nossa vontade é livre para escolher entre o bem e o mal. Creemos também na necessidade de obedecer às normas e às regras de nossa sociedade. Porém, o que acontece quando nossa vontade nos indica que é bom fazer ou querer algo que nossa sociedade proíbe ou condena? Ou, ao contrário, quando nossa vontade julga que será um mal e uma injustiça querer ou fazer algo que nossa sociedade exige ou obriga?

Momentos de crise

Esses conflitos entre nossas crenças e um saber estabelecido indicam a principal circunstância em que somos levados a mudar de atitude. Quando uma crença contradiz outra ou parece incompatível com outra, ou quando aquilo em que sempre acreditamos ou a que sempre obedecemos é contrariado por outra forma de conhecimento ou por nosso desejo de liberdade, entramos em crise.

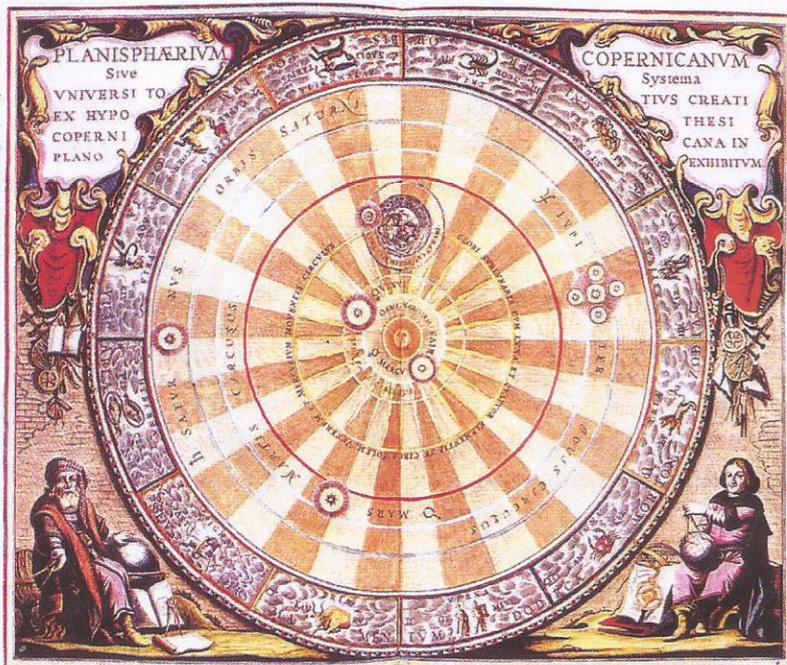
Algumas pessoas se esforçam para fazer de conta que não há nenhum problema. Outras, porém, sentem-se

impelidas a indagar qual é a origem, o sentido e a realidade de nossas crenças e de nossos desejos.

É assim que as experiências do tempo parado e do tempo veloz e a do tempo marcado pelo relógio nos levam a indagar: “Como é possível que haja duas realidades temporais diferentes, a marcada pelo relógio e a vivida por nós?”, “Qual é o tempo real e verdadeiro?”. Para responder a essas perguntas, é preciso fazer uma pergunta mais profunda: “O que é o tempo?”.

Da mesma maneira, a diferença entre nossa percepção da imobilidade da Terra e mobilidade do Sol e o que ensina a Astronomia leva-nos a perguntar: “Se não percebemos os movimentos da Terra e se nossos olhos se enganam tão profundamente, será que poderemos sempre confiar em nossa percepção visual ou deveremos sempre desconfiar dela?”, “Será que percebemos as coisas como realmente são?”.

Planisfério do sistema heliocêntrico elaborado pelo astrônomo e matemático polonês Nicolau Copérnico para seu livro *Sobre as revoluções das órbitas celestes* (1543). Ao defender a tese de que era a Terra que girava em torno do Sol, e não o contrário, Copérnico desafiou as crenças de sua época.



Para responder a essas perguntas, precisamos fazer duas outras, mais profundas: “O que é perceber?” e “O que é realidade?”.

É assim também que o conflito entre minha vontade e as regras de minha sociedade me levam à seguinte questão: “Sou livre quando sigo minha vontade ou quando sou capaz de controlá-la e aceitar as regras de minha sociedade?”. Ora, para responder a essa questão precisamos fazer outras perguntas, mais profundas. Temos de perguntar: “O que é a liberdade?”, “O que é a vontade?”, “O que é a sociedade?”, “O que são o bem e o mal, o justo e o injusto?”.

O que está por trás de todas essas perguntas?

Buscando a saída da caverna ou a atitude filosófica

Imaginemos, então, alguém que tomasse a decisão de não aceitar as opiniões estabelecidas e começasse a fazer perguntas que os outros julgam estranhas e inesperadas. Em vez de “Que horas são?” ou “Que dia é hoje?”, perguntasse: “O que é o tempo?”. Em vez de dizer “Está sonhando” ou “Ficou maluca”, quisesse saber: “O que é o sonho, a loucura, a razão?”.

Suponhamos que essa pessoa fosse substituindo suas afirmações por perguntas e, em vez de dizer “Onde há fumaça, há fogo” ou “Não saia na chuva para não ficar resfriado”, perguntasse “O que é causa?”, “O que é efeito?”. Ou se, em lugar de dizer “Seja objetivo” ou “Eles são muito subjetivos”, perguntasse “O que é a objetividade?”, “O que é a subjetividade?”; e ainda, se, em vez de afirmar “Esta casa é mais bonita do que a outra”, perguntasse “O que é o mais?”, “O que é o menos?”, “O que é o belo?”.

Se, em vez de gritar “Mentiroso!”, questionasse: “O que é a verdade?”, “O que é o falso?”, “O que é o erro?”, “Quando existe verdade e por quê?”, “Quando existe ilusão e por quê?”.

Se, em vez de falar na subjetividade dos namorados, indagasse: “O que é o amor?”, “O que é o desejo?”, “O que são os sentimentos?”.

Se, em lugar de discorrer tranquilamente sobre “maior” e “menor” ou “claro” e “escuro”, resolvesse investigar: “O que é a quantidade?”, “O que é a qualidade?”.

E se, em vez de afirmar que gosta de alguém porque compartilha com essa pessoa as mesmas ideias, gostos, preferências e valores, preferisse analisar: “O que é um valor?”, “O que é um valor moral?”, “O que é um valor artístico?”, “O que é a moral?”, “O que é a vontade?”, “O que é a liberdade?”.

Uma mudança de atitude. Quando o que era objeto de crença aparece como algo contraditório ou problemático e, por isso, se transforma em indagação ou interrogação, passamos da atitude costumeira à **atitude filosófica**.

Essa mudança de atitude indica que quem não se contenta com as crenças ou opiniões preestabelecidas, quem percebe contradições e incompatibilidades entre elas, quem procura compreender o que elas são e por que são problemáticas está exprimindo um desejo, o **desejo de saber**. E é exatamente isso o que, na origem, a palavra *filosofia* significa, pois, em grego, *philosophía* quer dizer ‘amor à sabedoria’.



Filipe Rocha/Arquivo da editora

Alguém que tomasse essa decisão estaria se distanciando da vida cotidiana e de si mesmo, pois estaria indagando o que são as crenças e os sentimentos que alimentam, silenciosamente, nossa existência.

Ao tomar essa distância, estaria interrogando a si mesmo, desejando conhecer por que cremos no que cremos, por que sentimos o que sentimos e o que são nossas crenças e nossos sentimentos. Esse alguém estaria começando a ousar conhecer e a cumprir o que dizia o oráculo de Delfos: “Conhece-te a ti mesmo”. E estaria adotando a atitude filosófica.

Assim, uma primeira resposta à pergunta “O que é filosofia?” poderia ser: “A decisão de não aceitar como naturais, óbvias e evidentes as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos cotidianos; jamais aceitá-los sem antes havê-los investigado e compreendido”.

Conexões



Esta atividade trabalha com conteúdos de Filosofia, História e Língua Portuguesa.

As histórias em quadrinhos estão repletas de personagens que podemos chamar de *cabeças filosóficas*, porque não aceitam as opiniões do senso comum e são “perguntadeiras”. Veja a seguir duas delas: a Mafalda, de Quino, e o Armandinho, de Alexandre Beck.



Mafalda, do cartunista argentino Quino.



Alexandre Beck/Acervo do artista

Armandinho, do cartunista brasileiro Alexandre Beck.

1. Com base nos quadrinhos, responda: como Mafalda e Armandinho questionam opiniões e atitudes do senso comum?
2. Movimentos culturais (como o *punk*) e sociais (como o movimento negro) questionam ideologias e normas de comportamento dominantes. Muitos deles são formados principalmente por jovens. Faça uma pesquisa sobre um desses movimentos de contestação e sobre o contexto em que ele se insere. Nessa pesquisa:
 - a) identifique os fatores históricos, socioeconômicos e geopolíticos que motivaram a formação desse movimento;
 - b) relacione os dados de sua pesquisa com a crença silenciosa de que a vida com as outras pessoas nos faz semelhantes ou diferentes em decorrência de normas e valores morais, políticos, religiosos e artísticos, entre outros fatores.
3. Escreva um pequeno texto com os passos da pesquisa feita na atividade anterior e suas conclusões. Depois, leve-o para discussão em sala de aula.